

---

**AUTORES:**Hugo Sarmento <sup>1</sup>Luís Catita <sup>2</sup>António Manuel Fonseca <sup>3</sup><sup>1</sup> ISMAI, Portugal<sup>2</sup> Escola Superior de Educação,  
Instituto Politécnico de Setúbal,  
Portugal<sup>3</sup> CIFI<sup>2</sup>D, Faculdade de Desporto  
Universidade do Porto, Portugal<https://doi.org/10.5628/rpcd.12.01.116>

---

**Motivação para a prática****de futebol em contextos****competitivos.** Estudo com

futebolistas juniores e seniores

a partir dos seus perfis

motivacionais.

**PALAVRAS CHAVE:**

Futebol de competição. Motivação.

Objectivos de realização. Autodeterminação.

Crenças sobre a competência.

---

**RESUMO**

O objectivo do presente estudo consistiu em analisar as crenças sobre a competência desportiva e a autodeterminação em função dos diferentes perfis de orientação de futebolistas portugueses. A amostra foi constituída por 577 futebolistas, com idades compreendidas entre os 15 e os 39 anos ( $M= 21.71$ ,  $dp=5.65$ ), os quais preencheram as versões portuguesas do *Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire* (TEOSQ) do *Self-Regulation Questionnaire* (SRQ) e do *Questionnaire de Conceptions relatives à la Nature de l'Habilité Sportive* (QCNHS). A análise dos resultados sugeriu que os perfis mais vantajosos em termos motivacionais eram o que combinava elevada orientação para a tarefa e reduzida para o ego (i.e., ET/ RE) e o que apresentava elevada orientação para ambas (i.e., ET/ EE), uma vez que foram os que se revelaram mais autodeterminados no seu comportamento. Estes futebolistas também acreditavam mais que os dos restantes grupos que a sua competência para a prática do futebol resulta da aprendizagem e poderá ser melhorável, o que é desejável, porquanto corresponde a uma percepção de maior controlo sobre o desenvolvimento da sua competência. Quanto ao grupo de futebolistas com orientação reduzida para a tarefa e elevada para o ego (i.e., RT/ EE), verificou-se que os valores correspondentes ao índice de autodeterminação e à crença de que a competência desportiva é estável eram significativamente mais reduzidos que os dos restantes grupos, o que poderá indicá-lo como o grupo no qual existe mais risco de abandono da actividade.

Motivation to practice football  
in competitive contexts.  
A study with junior and senior players  
based in their motivational profiles

**ABSTRACT**

The purpose of this study was to analyze differences between groups with different achievement goal profiles on their self-determination and beliefs about the natures and determinants of sport competence. The participants were 577 male football players. Ages ranged from 15 to 39 years ( $M=21.71$ ,  $SD=5.65$ ). Participants completed Portuguese versions of the Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire (TEOSQ), the Self-Regulation Questionnaire (SRQ) and the Questionnaire de Conceptions relatives à la Nature de l'Habilité Sportive (QCNHS). Results suggested that the more positive profiles are the Hi-T/ Lo-E; Hi-T/ Hi-E groups, that also were the most self-determined in their behaviour. On other hand, the fact that they believe most than the other groups that the competence for playing football arises from the learning and it's subjected to improvement, is a positive and desirable tendency, because these players also had a higher perception of control on the development of their competence. The L-T/ Hi-E group presented significant y lower scores than did the another three groups in RAI and in the belief that the sport competence is stable, what can mean they are the most risky group for dropping out the football practicing.

**KEY WORDS:**

Competitive Football. Motivation. Achievement goals.  
Self-determination. Beliefs of competence.

## INTRODUÇÃO

No âmbito do futebol, a motivação é um dos conceitos mais referidos entre as razões justificativas do sucesso e, muitas vezes, do insucesso dos jogadores e das equipas. É frequente treinadores, jogadores e espectadores associarem a *performance* colectiva e individual a diferentes estados motivacionais<sup>(12)</sup>. Não obstante, a nível nacional, existe ainda um reduzido número de estudos em torno desta área, sendo ainda menor o número de investigações desenvolvidas especificamente no contexto do futebol e, sobretudo, raras aquelas que se centram no futebol profissional

Tendo em conta que o desporto de competição assume particular importância no que concerne à participação de jovens e adultos em atividades físicas, é relevante o conhecimento profundo das forças motivacionais que levam a tal participação. Na verdade, têm sido desenvolvidos muitos estudos com o objectivo de examinar a motivação do elevado número de crianças e jovens que se envolvem em diferentes contextos de atividade física<sup>(14, 30, 33, 35)</sup>. No entanto, muito menos investigação tem incidido na motivação associada à prática desportiva em contextos competitivos, e a existente centrou-se essencialmente em crianças ou em estudantes<sup>(6, 11)</sup>. Adicionalmente, e também a este propósito, Biddle<sup>(1)</sup> considera que todos os interessados nas questões relativas ao desenvolvimento motor e à aprendizagem reconhecem a importância da motivação para a compreensão dos mecanismos subjacentes ao desenvolvimento e movimentos humanos.

Neste contexto, a teoria dos objectivos de realização<sup>(24, 35)</sup> e a teoria da autodeterminação<sup>(7, 19)</sup> são comumente utilizadas para explicar os aspectos motivacionais em contextos de atividade física e desportiva. Sendo naturalmente distintos, os construtos motivacionais destas duas teorias encontram-se relacionados, considerando-se que os indivíduos orientados para a tarefa são mais autónomos e mais motivados intrinsecamente; por sua vez, os indivíduos que privilegiam uma orientação para o ego são menos autónomos e mais susceptíveis à motivação extrínseca. A investigação realizada tem permitido concluir que a orientação para a tarefa é preditiva da participação na atividade física; contudo, as evidências de que isto é igualmente verdade para equipas e indivíduos adultos envolvidos em competições, são ainda escassas<sup>(11)</sup>.

De uma forma geral, a atribuição de recompensas financeiras ou de outro tipo de prémios é frequentemente entendida como uma forma de motivar os atletas, constituindo-se a competição entre indivíduos ou entre equipas como um aspecto central de muitos desportos e de muitas outras atividades da vida quotidiana da sociedade moderna<sup>(31)</sup>. Em determinadas situações, o objectivo dos indivíduos consiste em ganhar, simplesmente por tal ser excitante ou agradável. Noutras situações, o objectivo não passa apenas por ganhar, mas também pela obtenção de recompensas monetárias em caso de vitória.

A teoria da avaliação cognitiva<sup>(7)</sup> prediz que a atribuição destas recompensas poderá diminuir a motivação intrínseca. Apesar de alguns estudos confirmarem esta premissa<sup>(10, 25)</sup>, outros sugerem resultados diferentes<sup>(21, 22)</sup>, emergindo, portanto, a necessidade da rea-

lização de mais investigação no sentido de averiguar melhor os contornos da relação existente entre estes aspectos. Ademais, apesar de as relações anteriormente referidas terem já sido investigadas em variadas ocasiões em estudos realizados com crianças e jovens em idade escolar, o mesmo não se verifica quando considerados os adultos envolvidos em equipas desportivas, relativamente aos quais a investigação ainda é muito escassa <sup>(11)</sup>.

De resto, apesar de a investigação realizada nos Estados Unidos da América, no âmbito da Educação Física e do Desporto, ter vindo a evidenciar que crianças e jovens que apresentam diferenças relativamente aos seus objectivos de realização, apresentam igualmente diferentes perfis motivacionais e diferentes crenças em relação ao sucesso, os estudos realizados em Portugal até ao momento, sobretudo no que concerne a contextos de natureza competitiva, não são ainda suficientes para considerarmos que possuímos um conhecimento profundo neste domínio <sup>(15)</sup>.

Outro aspecto que assume relevante importância prende-se com o papel fundamental que a competência desportiva parece ocupar na prática desportiva dos indivíduos. Estudos recentes têm vindo a demonstrar que o modo como os indivíduos configuram a natureza e as determinantes da competência para a prática desportiva não é uniforme. Ou seja, se algumas pessoas entendem que a sua competência desportiva é algo muito difícil de modificar, há outras acreditam que o nível de competência para a prática desportiva depende do modo como nos orientamos para a sua melhoria <sup>(15)</sup>.

No entanto, tanto a nível nacional como a nível internacional, salvo raras exceções <sup>(14,15,17,29,34)</sup>, ainda não existe abundante investigação relativa a este tema. Por exemplo, que tenhamos conhecimento, não existem estudos que relacionem este tema com os construtos da teoria da autodeterminação, nem que examinem a existência de diferenças no que concerne às crenças relativas à natureza da competência desportiva em função do nível competitivo dos atletas. A este propósito, Sarrazin e colaboradores <sup>(29)</sup> sugerem que poderá ser interessante a comparação dos resultados dos atletas relativamente às concepções relativas à natureza da competência desportiva em função do nível de *expertise* dos atletas.

Um outro aspecto que pensamos ser importante destacar é o que se relaciona com as evidências disponíveis sobre o padrão de correlações entre algumas das variáveis anteriormente referidas, designadamente no que se refere à demonstração de que a relação entre as orientações para o ego e para a tarefa é de natureza ortogonal (i.e., não estão relacionadas), sugerindo que a análise isolada daquelas orientações com outras variáveis motivacionais poderá não fornecer toda a informação a este respeito. Nesse sentido, parece ser importante analisar estas questões não examinando separadamente cada orientação mas sim considerando igualmente a existência de perfis (i.e., observando conjuntamente as orientações), uma vez que os resultados podem diferir <sup>(2,8)</sup>.

A teoria dos objectivos de realização não apresenta predições relativamente ao tipo de comportamentos que os indivíduos adoptam quando estão simultaneamente muito orien-

tados para os dois tipos de objectivos de realização, mais orientados para um ou outro, ou ainda pouco orientados para qualquer um dos dois. Uma vez que as orientações para o ego e para a tarefa têm diferentes implicações cognitivas e motivacionais, o efeito combinado de ambas poderá ser diferente do efeito verificado quando são classificadas de forma independente. Desta forma, a opção por analisar o perfil de orientação motivacional considera as duas orientações (tarefa e ego) em combinação, de forma a gerar grupos com indivíduos que apresentam respostas similares em cada uma das escalas <sup>(20)</sup>.

Se considerarmos individualmente as orientações para o ego e para a tarefa, podemos verificar que a orientação para a tarefa apresenta muitas vantagens, ao invés do registado em relação à orientação para o ego. Por exemplo, os atletas que apresentem unicamente uma elevada orientação para o ego poderão encontrar problemas motivacionais, uma vez que esta é uma situação frágil relativamente à motivação <sup>(1)</sup>. Sabemos, no entanto, que os atletas poderão apresentar elevada orientação para o ego e para a tarefa ao mesmo tempo, o que representa, provavelmente, o perfil característico dos atletas de maior sucesso, verificando-s igualmente que a orientação para a tarefa desempenha um papel adaptativo, isoladamente ou em combinação com uma elevada orientação para o ego <sup>(1)</sup>.

Em decorrência do exposto anteriormente, este estudo procurou investigar a existência de diferenças no que concerne à autonomia percebida e às crenças sobre a competência desportiva em função dos perfis de orientação cognitiva ou motivacional, analisando igualmente o tipo de relações estabelecidas entre objectivos de realização, autonomia percebida e crenças sobre a competência desportiva.

## **METODOLOGIA**

### **AMOSTRA E PROCEDIMENTOS**

Participaram no estudo 577 futebolistas com idades compreendidas entre os 15 e os 39 anos (idade média de  $21.7 \pm 5.65$  anos), pertencentes a 37 equipas de futebol da zona norte e centro do país, que competiam nos escalões sénior ( $\geq 19$  anos de idade), Júnior "A" (17-18 anos de idade) e Júnior "B" (15-16 anos de idade).

O envolvimento foi voluntário e a todos os que aceitaram participar foi assegurada a confidencialidade das respostas. Os questionários foram preenchidos antes de uma sessão de treino, tendo este processo sido supervisionado pelo primeiro autor deste estudo, que, previamente, explicou aos atletas o objectivo do estudo e a forma de responder ao questionário.

## INSTRUMENTOS

Para a avaliação dos objectivos de realização foi utilizada a versão traduzida e adaptada para a realidade portuguesa <sup>(14,16)</sup>, do *Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire* (TEOSQ) <sup>(9)</sup>. Esta versão é constituída por treze itens relativos ao sucesso desportivo, precedidos pela afirmação inicial: “Sinto-me com mais sucesso no desporto quando...”, os quais permitem avaliar o modo como os indivíduos se orientam para a tarefa (e.g., “...trabalho realmente bastante”) e para o ego (e.g., “...sou o melhor”) em contextos desportivos, neste caso, no futebol de competição. Para o efeito, os indivíduos indicam o seu grau de concordância com cada um dos referidos através do recurso a uma escala tipo Likert de cinco pontos (de 1 = discordo totalmente a 5 = concordo totalmente). Os valores do alfa de Cronbach (tarefa=0.82; ego=0.84) demonstram uma boa fidelidade e consistência interna.

Para avaliar a autonomia percebida dos futebolistas, foi utilizada a versão traduzida e adaptada para português <sup>(13,14)</sup> do *Self-Regulation Questionnaire* (SRQ) <sup>(28)</sup>, que é constituído por uma afirmação genérica inicial (“Eu pratico o meu desporto [neste caso, a afirmação circunscreveu-se ao futebol]...”) seguida de dezassete itens relativos a cinco dimensões: desmotivação (e.g., “mas realmente não sei bem porquê”), regulação externa (e.g., “... porque é obrigatório”), regulação introjectada (e.g., “...porque quero que os meus colegas pensem em mim como um bom atleta”), regulação identificada (e.g., “...porque é importante para mim progredir no futebol”) e motivação intrínseca (e.g., “...porque é excitante”). Relativamente a cada item, os respondentes indicam o modo como entendem que se aplica, ou não, à sua situação concreta, através de uma escala tipo Likert, de cinco pontos (de 1 = discordo totalmente a 5 = concordo totalmente). Com base nas suas respostas, é possível calcular o seu índice de autonomia relativa (*Relative Autonomy Index: RAI*), no que concerne aos seus comportamentos em contextos de atividade física ou desportiva, utilizando diferentes pesos para os itens de cada uma das dimensões. Assim, os valores associados aos itens correspondentes à dimensão da regulação externa são multiplicados por -2, os da regulação introjectada por -1, os da regulação identificada por 1, e os da motivação intrínseca por 2, com o compósito final a constituir-se como indicador do referido índice de autonomia relativa. Valores positivos indicam uma maior regulação autónoma; pelo contrário, valores negativos indicam uma maior regulação controlada <sup>(4)</sup>. Neste estudo, os valores de alfa de Cronbach para as diferentes subescalas do instrumento, foram os seguintes: regulação externa (0.77), regulação introjectada (0.60), regulação identificada (0.69), motivação intrínseca (0.72), desmotivação (0.78); adicionalmente, foi calculado um valor de 0.70 para a globalidade do instrumento.

Para a avaliação das concepções que os indivíduos possuíam relativamente à natureza e às determinantes da competência desportiva, foi utilizada a versão traduzida e adaptada para português <sup>(14)</sup> do *Questionnaire de Conceptions Relatives à la Nature de L’Habilité Sportive* (QCNS) <sup>(29)</sup>, o qual também é constituído por uma afirmação genérica inicial

("Para se ser bem sucedido no desporto..."), complementada por vinte e um itens distribuídos por seis dimensões distintas: aprendizagem (e.g., "... é necessário aprender e trabalhar muito"), dom (e.g., "...é necessário ser-se dotado naturalmente"), estável (e.g., "Cada um tem um certo nível de habilidade para o desporto e, na realidade, não pode fazer muito para o alterar"), geral (e.g., "Qualquer pessoa que seja boa no desporto tem êxito em qualquer modalidade desportiva"), melhorável (e.g., "Se alguém aplicar esforço suficiente no desporto torna-se necessariamente melhor") e específica (e.g., "A mesma pessoa pode ser boa numa actividade desportiva e não ser boa noutras"). Tal como nos casos anteriores, também em relação a este instrumento, os respondentes indicam o seu grau de concordância com cada um dos itens através do recurso a uma escala tipo Likert, de cinco pontos (de 1 = discordo totalmente a 5 = concordo totalmente).

Neste estudo, os valores de alfa de Cronbach calculados para as várias subescalas foram os seguintes: estável (0.46), dom (0.78), aprendizagem (0.68), geral (0.79), melhorável (0.61) e específica (0.40), sugerindo, portanto, a existência de alguns problemas, em especial nas dimensões estável e específica, na linha aliás do já referido noutros estudos em que foi utilizado este instrumento<sup>(17, 30)</sup>. Ainda assim, considerando que não há ainda muita informação sobre esta temática, nem sobre este instrumento, particularmente em Portugal e no contexto do futebol, a exemplo do efectuado por Sarrazin e colaboradores<sup>(29)</sup>, entendeu-se incluir nas análises seguintes os valores relativos àquelas dimensões com a ressalva de que elas devem ser alvo de uma certa reserva..

#### PROCEDIMENTOS ESTATÍSTICOS

Para a análise dos dados recolhidos, recorreu-se à estatística descritiva, designadamente a medidas de tendência central (média aritmética) e de dispersão (desvio padrão).

Em correspondência com os objectivos previamente formulados, foram criados quatro perfis de objectivos com base nos valores médios que os atletas apresentavam nas orientações para a tarefa e para o ego: os valores que se situavam abaixo da média foram considerados "reduzidos", enquanto os que se situavam acima foram considerados "elevados". Este procedimento, utilizado por diversos autores<sup>(23, 27)</sup>, e considerado um método eficiente (20), permitiu assim a criação de quatro grupos: i) perfil ET/ RE (i.e., com valores elevados de orientação para a tarefa e reduzidos de orientação para o ego); ii) perfil RT/ EE (i.e., com valores reduzidos na orientação para a tarefa e elevados na orientação para o ego); iii) perfil ET/ EE (i.e., com valores elevados em ambas as orientações); e iv) perfil RT/ RE (i.e., com valores reduzidos em ambas as orientações).

Para avaliar as diferenças entre as respostas dos elementos dos diferentes nas variáveis estudadas, foi utilizada a técnica da Anova *one-way*, a qual foi complementada pelo recurso ao teste *post hoc* de Tukey, sempre que a diferença atingiu significado estatístico (i.e.,  $p \leq 0.05$ ).

No quadro 1, são apresentados os valores relativos às orientações para o ego e para a tarefa em função dos diferentes perfis, sendo possível verificar que, em todos eles, os valores correspondentes à orientação para a tarefa foram superiores aos da orientação para o ego.

QUADRO 1 — Orientações cognitivas em função do perfil de orientação.

	ET/RE	RT/EE	ET/EE	RT/RE
orientação para a tarefa	4.53 ± 0.29	3.69 ± 0.38	4.52 ± 0.31	3.57 ± 0.53
orientação para o ego	1.87 ± 0.45	3.33 ± 0.47	3.42 ± 0.57	1.92 ± 0.42

Através da análise do quadro 2, é possível confirmar que os futebolistas, independentemente do perfil que os caracterizava, atribuíram valores relativamente elevados para a motivação intrínseca. Adicionalmente, a análise dos dados relativos à autonomia percebida revelou um crescendo gradual dos valores médios das componentes mais extrínsecas para as mais intrínsecas, sendo de salientar ainda o facto de se ter verificado um valor inferior para a motivação intrínseca quando comparado com o da regulação identificada.

QUADRO 2 — Níveis de autonomia em função do perfil de orientação.

	ET/RE	RT/EE	ET/EE	RT/RE	
desmotivação	1.37 ± 0.62	1.76 ± 0.91	1.38 ± 0.67	1.54 ± 0.69	*A/B – B/C
regulação externa	1.80 ± 0.74	2.02 ± 0.71	1.87 ± 0.77	1.72 ± 0.67	*B/D
regulação introjectada	3.53 ± 0.94	3.35 ± 0.74	3.66 ± 0.83	2.90 ± 0.79	*A/C – B/C – B/D – D/C – D/A
regulação identificada	4.58 ± 0.51	4.05 ± 0.66	4.54 ± 0.49	3.97 ± 0.65	*A/B – A/D – B/C – C/D
motivação intrínseca	4.29 ± 0.69	3.95 ± 0.66	4.31 ± 0.62	3.82 ± 0.63	*A/B – A/D – B/C – C/D
RAI	1.01 ± 0.38	0.77 ± 0.43	0.96 ± 0.41	0.90 ± 0.40	*A/B – B/C – B/D

\*= significativo para p≤0.05.

Através da realização da Anova *one-way*, foi possível identificar diferenças estatisticamente significativas nas seguintes variáveis: desmotivação (F=8.73 p<.001), regulação externa (F=4.26; p=.01), regulação introjectada (F=21.56; p<.001), regulação identificada (F=41.98; p<.001), motivação intrínseca (F=19.51; p<.001) e RAI (F=9.15; p<.001).



Mediante a análise aos dados do quadro 3, verifica-se que, independentemente do seu perfil, os futebolistas em geral pareciam entender a sua competência para a prática desportiva como sendo sobretudo específica, melhorável e decorren e da aprendizagem.

Ainda assim, foram evidentes diferenças estatisticamente significativas em todas as crenças sobre a competência desportiva: estável ( $F=7.81$ ;  $p<.001$ ), fruto de um dom ( $F=7.42$ ;  $p<.001$ ), decorrente da aprendizagem ( $F=27.97$ ;  $p<.001$ ), geral ( $F=6.68$ ;  $p<.001$ ), melhorável ( $F=12.79$ ;  $p<.001$ ) e específica ( $F=3.28$ ;  $p=.02$ )

QUADRO 3 — Crenças sobre a competência desportiva em função do perfil de orientação.

	ET/ RE	RT/ EE	ET/ EE	RT/ RE	
Estável	2.45 ± 0.67	2.80 ± 0.67	2.54 ± 0.68	2.51 ± 0.62	*A/B – B/C
Dom	3.16 ± 0.99	3.42 ± 0.70	3.41 ± 0.88	3.01 ± 0.80	*B/D
Aprendizagem	4.64 ± 0.48	4.20 ± 0.61	4.63 ± 0.44	4.26 ± 0.54	*A/C – B/C – B/D – D/C – D/A
Geral	2.05 ± 0.93	2.50 ± 0.86	2.38 ± 0.90	2.29 ± 0.81	*A/B – A/D – B/C – C/D
Melhorável	4.31 ± 0.66	3.96 ± 0.64	4.36 ± 0.66	4.08 ± 0.61	*A/B – A/D – B/C – C/D
Específica	3.88 ± 0.71	3.72 ± 0.66	3.94 ± 0.66	3.75 ± 0.66	*A/B – B/C – B/D

\*= significativo para  $p \leq 0.05$ .

## DISCUSSÃO

O principal objectivo deste estudo consistiu em tentar investigar se existiriam diferenças no que concerne à autonomia percebida e às crenças sobre a competência desportiva em função de diferentes perfis de objectivos de realização, tendo a análise dos dados permitido detectar alguns aspectos interessantes.

Por exemplo, foi possível verificar que os futebolistas com os perfis ET/ RE e ET/ EE se caracterizaram por apresentarem valores significativamente mais elevados do que os restantes futebolistas para as formas mais autodeterminadas do *continuum* de motivação (i.e., para a regulação identificada e a motivação intrínseca) e para as crenças de que a competência desportiva decorre da aprendizagem e é melhorável.

Estes resultados parecem pois sugerir que a uma elevada orientação para a tarefa se associa uma maior autodeterminação por parte dos futebolistas em relação ao seu envolvimento, bem como um entendimento distinto em relação à natureza e determinantes da competência desportiva.

Se analisarmos a investigação produzida neste domínio, verificamos que alguns estudos realizados anteriormente, também com base na análise dos perfis de orientação <sup>(4, 5, 18, 20, 32, 35)</sup>, sugeriram como perfil mais adaptativo o que apresente um “balanço complementar” entre uma elevada orientação para a tarefa e uma moderada orientação para o ego.

Nesse sentido, os resultados do presente estudo não contrariando necessariamente aquela sugestão, parecem ir mais longe e sugerir que, independentemente da intensidade da orientação para o ego, será a adopção de uma elevada orientação para a tarefa que mais contribuirá para a referida adaptação, porquanto, tanto num caso (i.e., ET/ RE) como noutra (ET/ EE), pareceu ser evidente uma prática desportiva mais autónoma e crenças mais associadas a comportamentos de persistência na atividade <sup>(5, 29)</sup>.

Duda <sup>(8)</sup> refere que os diversos autores que têm realizado trabalhos neste âmbito consideram a existência de efeitos adaptativos em indivíduos que apresentam elevados níveis de orientação tanto para o ego como para a tarefa (EE/ ET). De acordo com esta autora, o facto de os indivíduos EE/ ET se manterem motivados ao longo do tempo é consequência sobretudo da existência de uma forte orientação para a tarefa quando existe um declínio na percepção normativa de competência. No mesmo sentido, Roberts <sup>(26)</sup> refere que a investigação é clara neste ponto, indicando que a orientação para a tarefa é benéfica mesmo para atletas de elite com elevada orientação para o ego; aliás, este autor sublinha mesmo que uma elevada orientação para o ego, isoladamente, não promove a motivação a longo prazo, nem mesmo para os atletas que possuem uma elevada percepção de habilidade.

Foi igualmente perceptível no presente estudo que os futebolistas com o perfil RT/ EE tenderam a indicar valores significativamente superiores de desmotivação, quando comparados com os seus colegas com os perfis ET/ RE e ET/ EE, bem como valores significativamente inferiores de autodeterminação e superiores para a crença de que a competência desportiva é estável, quando comparados com os futebolistas de todos os outros perfis. Inclusivamente, mesmo quando comparados apenas com os futebolistas com o perfil RT/ RE (i.e., o outro grupo cujos futebolistas também manifestaram estar pouco orientados para a tarefa), foi possível verificar que os comportamentos dos futebolistas com perfil RT/ EE eram os regulados de forma menos autónoma (as dimensões significativamente mais elevadas das regulações externa e introjetada determinavam naturalmente um índice de autonomia mais reduzido). Adicionalmente, os futebolistas com aquele perfil distinguiram-se igualmente de todos os outros ao atribuírem valores significativamente mais elevados à crença de que a competência desportiva é algo estável e portanto não facilmente modificável.

Nessa medida, recordando o padrão de relações que tem vindo a ser identificado entre a autodeterminação dos indivíduos e a persistência dos seus comportamentos numa atividade desportiva <sup>(3)</sup>, parece poder considerar-se que, muito provavelmente, este perfil seria o menos vantajoso em termos motivacionais, tornando estes atletas mais susceptíveis à

desmotivação no caso de não obterem sucesso num largo período de tempo e levando-os mesmo ao abandono da actividade.

Para além disso, se nos concentrarmos apenas na informação referente à orientação cognitiva ou motivacional, estes resultados parecem sugerir que uma elevada orientação para o ego apenas terá um impacto marcadamente negativo se não for acompanhada por uma elevada orientação para a tarefa, como de resto Roberts <sup>(26)</sup> sublinhou anteriormente.

Etnier e colaboradores <sup>(11)</sup>, num estudo também desenvolvido com futebolistas, verificaram que os futebolistas cujo perfil se caracterizava por uma moderada orientação para a tarefa eram mais autodeterminados do que os que indicaram ter elevada orientação para o ego e para a tarefa, bem como do que os que se orientavam para a tarefa com intensidade reduzida. Assim, e de acordo com a literatura anterior, que sugere que os indivíduos mais autodeterminados terão mais intenção para continuar a praticar desporto, os autores consideraram que os seus resultados indicavam que os grupos RT/ ME e ET/ EE seriam os que corriam mais riscos de abandonar. Este resultado, sobretudo no que concerne ao grupo com o perfil ET/ EE, contradiz muita da literatura existente que considera este perfil como sendo o mais vantajoso em termos de continuidade da actividade desportiva.

Os autores interpretaram estes resultados com base no facto de o seu estudo ter sido realizado com uma amostra (de futebolistas) diferente das investigadas noutros estudos (realizados em contexto escolar) e sugeriram a realização de estudos com amostras semelhantes, com o objectivo de esclarecer melhor esta possibilidade.

Todavia, o presente estudo vem fornecer suporte para o que a literatura e a restante investigação neste domínio tem vindo a sugerir, ou seja, que uma elevada orientação para o ego poderá não ter efeitos negativos no que concerne à persistência do envolvimento na prática desportiva, quando acompanhada por uma elevada orientação para a tarefa.

## **CONCLUSÕES**

Reconhecendo a natureza multidimensional da motivação, o facto de se considerar, de forma simultânea, a informação referente a ambas as orientações motivacionais (ego e tarefa) dos atletas, juntamente com a das crenças sobre a competência desportiva e dos níveis de autonomia percebida poderá, efectivamente, revelar-se frutífero e contribuir para uma melhor compreensão acerca da motivação dos atletas.

Os resultados do presente estudo sugeriram que futebolistas com os perfis ET/ RE e ET/ EE eram os que exibiam características mais vantajosas em termos motivacionais para a prática da modalidade. No extremo oposto, encontravam-se os futebolistas com os perfis RT /EE e RT/ RE, potencialmente menos adaptativos em termos motivacionais para a prática da modalidade. Nesse sentido, os atletas com estes perfis parecem justificar uma atenção es-

pecial por parte dos seus treinadores, até porque investigações anteriores têm relacionado menores níveis de autodeterminação com menor satisfação e menores intenções de persistir na atividade <sup>(36)</sup>. Na verdade, tendo em conta as relações anteriormente analisadas, bem como a informação disponível na literatura desta área, será de prever que estes futebolistas estejam entre os que correm maior risco de abandonar a actividade desportiva.

Finalmente, de destacar que, considerando os resultados encontrados, será importante atender às particularidades motivacionais características de cada perfil aquando do planeamento das atividades para os diferentes grupos de futebolistas. Ainda assim, pareceu igualmente evidente que, e independentemente de também se poder privilegiar uma elevada orientação para o ego, o facto de se privilegiar uma orientação para a tarefa será certamente benéfico no que se refere à motivação dos atletas para continuarem a praticar desporto.

## REFERÊNCIAS

1. Biddle SJ (1999). Targeting goal: But which goal? Motivating the child in football. "Insight" – *The F. A. Coaches Association Journal* 4 (2): 40.
2. Biddle SJ (2001). Enhancing motivation in physical education. In: Roberts GC (Ed.), *Advances in motivation in sport and exercise*. Champaign: Human Kinetics, 101-127.
3. Chatzisarantis NL, Biddle SJ (1998). Functional significance of psychological variables that are included in the Theory of Planned Behaviour: a Self-Determination Theory approach to the study of attitudes, subjective norms, perceptions of control and intentions. *European Journal of Social Psychology* 28 (3): 303-322.
4. Chian L, Wang C (2008). Motivational profiles of junior college athletes: A cluster analysis. *Journal of Applied Social Psychology* 20: 137-156.
5. Cumming J, Hall C, Harwood C, Gammage K (2002). Motivational orientations and imagery use: a goal profiling analysis. *Journal of Sports Sciences* 20 (2): 127-136.
6. Curran T, Appleton PR, Hill AP, Hall HK (2013). The mediating role of psychological need satisfaction in relationships between types of passion for sport and athlete burnout. *Journal of Sports Sciences* 31 (6): 597-606.
7. Deci E, Ryan R (1985). *Intrinsic motivation and self-determination in human behavior*. New York: Plenum.
8. Duda JL (2001). Achievement goal research in sport: Pushing the boundaries and clarifying some misunderstanding. In: Roberts GC (Ed.), *Advances in motivation in sport and exercise*. Champaign: Human Kinetics, 129-182.
9. Duda JL, Nicholls, JG (1992). Dimension of achievement motivation in schoolwork and sport. *Journal of Educational Psychology* 84: 114-131.
10. Eliot J (2005). Motivation: the need to Achieve. In: Murphy S (Ed.), *The Sport Psych Handbook*. Champaign: Human Kinetics, 3-19.
11. Etnier J, Sidman C, Hancock L (2004). An examination of goal orientation profiles and motivation in adult team sport. *International Journal of Sport Psychology* 35: 173-188.
12. Eubank M, Gilbourne D (2005). Stress, performance and motivation theory. In Reilly T, Williams A (Eds.), *Science and Soccer*. New York: Routledge, 214-229.
13. Fonseca AM, Biddle SJ (1997). *Versão portuguesa do Self-Regulation Questionnaire*. Porto. FCDEF, Universidade do Porto.
14. Fonseca AM (1999). *Atribuições em contextos de actividades físicas e desportivos: perspectivas, relações e implicações*. Dissertação de Doutoramento. Universidade do Porto, Porto.
15. Fonseca AM, Maia JM (2000). *A motivação dos jovens para a prática desportiva federada: um estudo com atletas das regiões centro e norte de Portugal com idades compreendidas entre os 10 e os 18 anos*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.
16. Fonseca AM, Paula-Brito A (2001). A questão da adaptação transcultural de instrumentos para avaliação psicológica em contextos nacionais - o caso do Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire (TEOSQ). *Psychologica* 50: 155-162.
17. Freitas N (2000). *Objetivos de realização e crenças sobre a competência desportiva: um estudo com atletas com deficiências visuais*. Dissertação de Mestrado. Porto: FCDEF, Universidade do Porto.
18. Georgiadis M, Biddle SJ, Auweele Y (2000). Cognitive, emotional and behavioural connotations of task and ego goal orientation profiles: an ideographic approach using hierarchical class analysis. *International Journal of Sport Psychology* 32: 1-20.
19. Gillet N, Vallerand R, Paty B (2013). Situational motivational profiles and performance with elite performers. *Journal of Applied Social Psychology* 43: 1200-1210.
20. Hodge K, Petlichkoff L (2000). Goal profiles in sport motivation: A cluster analysis. *Journal of Sport and Exercise Psychology* 22: 256-272.
21. Lowter J, Carlow A, Lovell G (2004). A comparison of motivational orientations in professional, semi-professional and amateur soccer players. *Journal of Sports Sciences* 22 (3): 302-305.

22. Mallett C, Hanrahan S (2004). Elite athletes: why does the 'fire' burn so brightly? *Psychology of Sport and Exercise* 5: 183-200.
23. Meece J, Holt K (1993). A pattern analysis of student's achievement goals. *Journal of Educational Psychology* 85: 582-590.
24. Nicholls J (1989). *The competitive ethos and democratic education*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
25. Reeve J, Deci, E (1996). Elements of the competitive situation that affect intrinsic motivation. *Personality and Social Psychology Bulletin* 22 (1): 24-33.
26. Roberts GC (2001). Understanding the dynamics of motivation in physical activity: The influence of achievement goals on motivational processes. In: Roberts GC (Ed.), *Advances in motivation in sport and exercise*. Champaign: Human Kinetics, 1-50.
27. Roberts GC, Treasure D, Kavussanu M (1996). Orthogonality of achievement goals and its relationship to beliefs about success and satisfaction in sport. *The Sport Psychologist* 10 (4): 398-408.
28. Ryan RM, Connell JP (1989). Perceived locus of causality and internalization: Examining reasons for acting in two domains. *Journal of Personality and Social Psychology* 57: 749-761.
29. Sarrazin P, Famose J, Biddle SJ, Fox K, Durand-Bush M, Cury F (1995). Buts d'accomplissement et croyances relatives à la nature de l'habileté Motrice. *Science & Motricité* 26 (9): 21-32.
30. Standage M, Duda JL, Ntoumanis N (2003). A model of contextual motivation in physical education. Using constructs from self-determination and achievement goal theories to predict physical activity intentions. *Journal of Education Psychology* 72: 87-103.
31. Vansteenkiste M, Deci E (2003). Competitively contingent rewards and Intrinsic motivation: Can losers remain motivated? *Motivation and Emotion* 27 (4), 273-299.
32. Wang C (2001). Young people's motivational profiles in physical activity: A cluster analysis. *Journal of Sport & Exercise Psychology* 23 (1): 1-22.
33. Wang C, Biddle SJ (2001). Young people's motivational profiles in physical activity: a cluster analysis. *Journal of Sport & Exercise Psychology* 23: 1-22.
34. Wang C, Chatzisarantis N, Spray C, Biddle SJ (2002). Achievement goal profiles in school physical education: Differences in self-determination, sport ability beliefs, and physical activity. *British Journal of Educational Psychology* 72: 433-445.
35. Wang C, Liu W, Sun Y, Lim B, Chatzisarantis N (2010). Chinese students' motivation in physical activity: Goal profile using Nicholl's achievement goal theory. *International Journal of Sport and Exercise Psychology* 8: 248-301.
36. Wilson F, Rodgers W, Fraser S, Murray T (2004). Relationships between exercise regulations and motivational consequences in university students. *Research Quarterly for Exercise and Sport* 75 (1): 81-91.